

2 PROJETO MEMÓRIA DA FEIRA LIVRE DE FEIRA DE SANTANA

SEGUNDA FASE - TEXTO N. 1.* OUTRAS PALAVRAS

Vicente Deocleciano Moreira
Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia

O texto anterior CAMINHOS HISTÓRICOS DA FEIRA-DE FEIRA DE SANTANA: ORIGENS E SECULARIDADES (*Sitientibus*, n.10, p.185-198, jul./dez. 92), encerrou a Primeira Fase de publicações de trabalhos avulsos do PROJETO MEMÓRIA DA FEIRA LIVRE DE FEIRA DE SANTANA.

OUTRAS PALAVRAS (Segunda Fase, Texto n. 1) inicia uma nova etapa da proposta metodológica do Projeto, quanto à veiculação dos produtos de nosso trabalho de pesquisa: divulgação de textos, por assim dizer, avulsos – à proporção que a própria dinâmica do trabalho for tornando isto possível: a produção de textos e a divulgação dessa produção.

OUTRAS PALAVRAS tem o objetivo de divulgar os depoimentos de feirantes, fregueses, autoridades e outros segmentos acerca da feira-livre e de sua extinção em 10 de janeiro de 1977. Inicialmente, serão divulgadas narrativas publicadas nas edições de 1976 e dos dias 9, 10 e 12 de janeiro de 1977, dos jornais A TARDE, JORNAL DA BAHIA e DIÁRIO DE NOTÍCIAS, publicados em Salvador (Bahia) – os dois últimos, hoje, fora de circulação. Nos números seguintes, mostraremos noticiários, artigos e também depoimentos oferecidos aos pesquisadores do Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana, em trabalho de campo, pelos ex-feirantes, antigos fregueses e por todos quantos tenham conhecido e vivido a feira-livre de Feira de Santana.

Depoimentos publicados pelo jornal A TARDE, Salvador, Bahia, 1976:

Dival Pitombo, professor, em 16 de junho de 1976:

O progresso é um imperativo de todo povo realmente capaz. Quem pára está regredindo. O tempo não transige. É preciso continuar marchando. Marchando para a frente, para o futuro, para a aurora. Mas o coração reage. Não se desliga facilmente do que nos trouxe uma ilusão de felicidade.

José Alexandrino de Souza, presidente da Associação Comercial de Feira de

* O texto de n.6, primeira fase, acha-se publicado em *Sitientibus*, n. 10, p.185-198, jul./dez. 1992.

Santana, em 31 de dezembro de 1976:

O que estamos verificando, na atual feira-livre, é um problema muito sério, um atentado contra a saúde pública. A mudança da feira-livre para o Centro de Abastecimento vai realmente trazer um desafogo para o centro comercial. A opinião da Associação Comercial é de que a feira-livre deve ser transferida para o Centro de Abastecimento. Não acredito que de imediato as vendas dos estabelecimentos comerciais aumentem, ao contrário, cairá o seu volume, ou seja, no período de adaptação, para que três ou quatro meses depois a situação fique equilibrada. Tenho certeza que com as ruas e avenidas limpas e desafogadas vamos faturar alto.

Maria do Socorro Pitombo, jornalista do Jornal da Bahia, em 31 de dezembro de 1976:

O Centro de Abastecimento eu vejo como um marco na história econômica de Feira de Santana. Na verdade, não se comporta mais uma feira-livre nessas proporções da atual, chegou a hora de se mudar realmente. Efetivamente, o progresso de uma cidade de mais de 200 mil habitantes, não deve ser prejudicado e ele exige determinado tipo de sacrifícios. Realmente, não podemos continuar com toda esta sujeira no centro da cidade. Porém, o grande benefício que o Centro de Abastecimento vai trazer é a higienização de Feira de Santana, sem se falar no progresso para o comércio lojista.

Monsenhor Renato de Andrade Galvão, Cura da Catedral de Nossa Senhora Santana, em 31 de dezembro de 1976:

Vejo um esforço muito grande da administração José Falcão da Silva, na construção do Centro de Abastecimento que abrigará a feira-livre.

Crescêncio Soares (Nelzinho), barraqueiro do ramo de derivados de couro, estabelecido ao lado da Igreja do Senhor dos Passos, em 31 de dezembro de 1976:

Concordo com a transferência da feira-livre para o Centro de Abastecimento, acho porém que nós barraqueiros de derivados de couro, deveríamos ser os fixados no velho Mercado Municipal, um local tradicional do turista que se transformado em centro folclórico, a cidade é que viria a lucrar com isto.

Depoimentos publicados pelo jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Salvador, 9 e 10 de janeiro de 1977:

Genésia Gomes, proprietária da "Barraca Senhor do Bonfim" (Mercado Municipal), vendedora de pratos típicos da região, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Estou muito sentida com a mudança do mercado, pois lá me deram uma parte muito pequena que não dá para atender quatro fregueses ao mesmo tempo; nós iremos fazer uma aventura e nossa família como sustentaremos?

Marcelino Pereira, baiano de Santo Amaro, há 16 anos barraqueiro da feira, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Meu senhor, isso aqui é uma floresta, tudo que se quiser a gente encontra. Como é que pode

acabar com a feira. Não vou satisfeito prá o Centro de Abastecimento, mas o jeito é ir mesmo, ainda não me inscrevi para ter direito a algum lugar para vender as minhas "baganas" (frutas e outros produtos), quem vai sofrer com isso tudo é o fraco negociante, é o pequeno. O que o Prefeito deveria fazer para o povo não sentir falta da feira, era colocar sanitários públicos e limpar tudo direitinho e tudo ficava uma beleza, esta feira é uma floresta, tanto vai sentir falta o vendedor como o freguês.

Antonio Leite, barraqueiro do Mercado há 17 anos, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Vou sair do mercado com saudade, nós seremos prejudicados com esta mudança da feira e do Mercado, a gente tava tão acostumado trabalhando nele.

Dona "Lourinha", barraqueira, mais de 10 anos de feira, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Vou sentir muita falta deste pedacinho de terra onde armo minha barraca para vender a "cachaça" e a "passarinha" que os fregueses tanto gostam. Não vou me acostumar lá não, mas Deus é quem vai tomar conta de tudo, e só ele é quem sabe do destino da gente.

Colbert Martins da Silva, Prefeito eleito de Feira de Santana, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Será sem dúvida alguma um episódio marcante e histórico para todos nós, ocorrendo nos primeiros dias de acomodação uma certa polêmica, principalmente e por parte dos feirantes mais antigos e tradicionais, como é o caso dos açougueiros do velho Mercado Municipal que estão acostumados por muitos anos a negociar a 'carne verde' no centro da cidade. Os problemas irão surgir por diversas vezes, porém estou consciente de que irei enfrentá-los e contando com esta responsabilidade irei levá-los a bom termo.

Justo Ferreira de Oliveira, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Desde o tempo de João Marinho que se falava na construção de um novo Mercado. Mas só Deus é quem pode dizer se a gente vai ou não fazer bons negócios com esta mudança, mas uma coisa eu digo, este mercado está uma grande imundície não podemos viver nele.

Antonio Afonso, feirante, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

A gente tem que ir prá lá do contrário vai morrer tudo de fome, pois não podemos botar mais barraca aqui na feirinha, é isso mesmo tem que acostumar com essa modernagem.

José Falcão da Silva, Prefeito de Feira de Santana, em final de gestão, assinou o Decreto que extinguiu a feira livre. Depoimento em 9 e 10 de janeiro de 1977:

O Centro é necessário, foi feito e discutido. O turismo nunca foi fonte de renda para Feira de Santana, pois sempre foi uma cidade comercial e encontro de tropeiros desde o seu nascimento. Asseguro que o Centro de Abastecimento dará outras perspectivas, aumentando a potencialidade do município. Enfocando todos os aspectos sócio-econômico, turísticos urbanísticos a Feira de Santana terá um situação das melhores pois o feirante que tinha apenas dois dias para participar da feira livre terá uma semana inteira para a comercialização,

não deixando também os usuários com aquela preocupação de aguardar o dia da feira livre.

Raimundo Santana, vendedor de requieirão, no Mercado Municipal, há 28 anos, em 9 e 10 de janeiro de 1997:

A mudança da feira-livre pra o Centro de Abastecimento irá melhorar para uns, outros não. Se eu tivesse preferência ficaria aqui no mercado, mas lei é lei então a gente tem que cumprir, inclusive já adquiri a minha banca.

Rosana Pérsico, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

O feirense está cada vez mais se evoluindo, a nossa Feira de Santana está demonstrando, progredindo, portanto não é mais admissível apresentar uma feira desta para os turistas, a criação do Centro de Abastecimento é muito louvável.

Manuel Anchieta, estudante da Universidade Estadual de Feira de Santana, poeta e pesquisador, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

É uma medida corajosa a construção do Centro de Abastecimento, dentro do plano turístico irá provocar danos, já que poucos foram a favor desta 'feira de laboratório'.

Zabumba, personagem típico bastante conhecido em Feira de Santana, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Não podem acabar com a feira de Nossa Senhora Santana, não, isto é um crime, onde eu vou chupar laranja e comer jaca. E o caruru de minha mãe lansã também vai acabar, isso não pode acabar de jeito nenhum.

Maria Dalva Titoni, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

A mudança da feira-livre nos trouxe benefícios, desde quando Feira de Santana estava precisando de um local mais adequado e mais amplo para melhor servir a comunidade.

José Carlos Carneiro, estudante de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

Em princípio é meio difícil dizer a verdade, sempre achei que o maior ponto turístico de Feira fosse a nossa feira-livre, mas a localização atual deixa muito a desejar devido o espaço deficiente.

Colbert Martins da Silva, Prefeito eleito de Feira de Santana, em 9 e 10 de janeiro de 1977:

De hipótese nenhuma prejudicará o nosso turismo, pelo contrário será muito mais fomentado, pois a feira deixa de ser realizada nas principais artérias da cidade para ser deslocada para um lugar apropriado. Devo adiantar que a transferência da feira para o Centro de Abastecimento é um fato irreversível.

Depoimentos publicados pelo JORNAL DA BAHIA, Salvador, 10 de janeiro de 1977:

Colbert Martins da Silva, Prefeito eleito de Feira de Santana, em 10 de janeiro de 1977:

Nós vamos fazer do velho mercado o Mercado Modelo de Feira de Santana, a exemplo do que existe em Salvador. Com a diferença de que não vamos deixar que ele se descaracterize como ocorreu na capital. É uma obra que se autofinanciará.

José Falcão da Silva, Prefeito de Feira de Santana, em final de gestão, em 10 de janeiro de 1977:

O fator feira-livre da maneira como está existindo em Feira de Santana, torna muito difícil a sua disciplina e, em consequência, uma evasão de 50 por cento das rendas. Não há mais espaço onde acomodar os feirantes – já chegam a mais de três mil que a cada dia aumentam de número. Um exemplo disso é que, às segundas-feiras é necessário isolar quase todo um trecho da Avenida Senhor dos Passos, já totalmente tomado pelas barracas, o que antes não acontecia.

Colbert Martins da Silva, Prefeito eleito de Feira de Santana, em 10 de janeiro de 1977:

Do ponto de vista econômico é um passo muito avançado porque há um alvo para ser lançado no setor da economia: um barateamento no preço da mercadoria, no custo dos transportes e, socialmente, a permanência da ocupação, ou seja, do trabalho.

José Falcão da Silva, Prefeito de Feira de Santana, em final de gestão, em 10 de janeiro de 1977:

Com a feira-livre tomando todo o raio de ação das artérias centrais da cidade os problemas por ela provocados passaram a incomodar a cidade de Feira de Santana que passa de uma fase estritamente comercial para a etapa industrial. Os constantes congestionamentos no sistema de tráfego de veículos, a proliferação de bancas e barracas, o péssimo aspecto urbanístico, uma feira-livre sem higienização, produtos alimentares misturados ao lixo e à sujeira, os constantes furtos praticados por marginais e pivetes que infestam a cidade nos dias de segunda-feira, levaram ao cumprimento do Projeto Cabana – Centro de Abastecimento, prevista no Plano Local de Desenvolvimento Integrado.

José Alexandrino de Souza, presidente da Associação Comercial de Feira de Santana, em 10 de janeiro de 1977:

Uma medida espetacular porque vai higienizar a cidade, dar à Prefeitura melhores condições de arrecadar os tributos e melhorar o tráfego em Feira de Santana, uma vez que já se tornou impossível a locomoção de pessoas ou veículos nos dias de sábado e segunda-feira.

José Falcão da Silva, Prefeito de Feira de Santana em final de gestão, em 10 de janeiro de 1977:

O Centro, ao contrário do que muitos estão pensando, será também uma atração turística e já vem despertando o interesse e a curiosidade das pessoas que visitam nossa cidade. Acredito que não vai haver prejuízo nenhum, e sim que Feira de Santana vai ganhar muito mais mesmo porque a feira vai ser mantida, agora, com nuances diferentes.

José Alexandrino de Souza, presidente da Associação Comercial de Feira de Santana, em 10 de janeiro de 1977:

Será apenas por quinze dias ou um mês, período normal para uma adaptação. A população de Feira de Santana não mais se locomove para fazer suas compras nos dias de segunda-feira preferindo fazê-las no decorrer da semana, quando o comércio recupera o seu movimento normal prejudicado nos dias de feira-livre.

Jaime Luiz dos Santos, dono da "Barraca Pioneira São Luiz", a primeira instalada no Mercado Municipal, em 10 de janeiro de 1977:

O meu pai, José Souza dos Santos, era barbeiro do Governador José Joaquim Seabra, além de acumular a função de porteiro do Palácio, até Seabra deixar o Governo. No ano de 1928 após ter feito uma viagem pelo Exterior, passando pela França, Itália, Argentina e também por vários estados do Brasil, passou por Feira de Santana onde fixou residência. No ano de 1935 era prefeito da cidade Heráclito Dias Carvalho, mais conhecido por 'Seu Lolô' ao qual meu pai foi pedir para instalar aqui no Mercado Municipal uma barraca; naquela época somente eram comercializadas aqui, tomates, farinha, peixes e outras coisas de menor importância, sem contudo faltar a 'pinga'. 'Continuando disse o barraqueiro Jaime dos Santos: O Prefeito disse ao meu pai para ele procurar o administrador do velho mercado, Sr. Pinto, que ficou com a missão de escolher o local da barraca, a primeira daqui (o que ele fez questão de frisar). Minha mãe, Romana Silva Santos, que tem hoje 72 anos de idade, era quem fazia as linguiças de porco, o produto que meu pai mais vendia na barraca que era de madeira. Depois que meu pai morreu construí esta que é toda azulejada, com instalações hidráulicas e elétrica imbutida.' No final Jaime contou o porquê de ser contrário à mudança da feira e afirmou: 'Os meus fregueses já me disseram que não vão mais fazer as suas compras aqui na barraca quando a mesma for lá para o Centro, alegando desgaste físico para as compras. Para mim a mudança será uma aventura'.

Antonio Vidal, açougueiro, 30 anos de Mercado Municipal, em 10 de janeiro de 1977:

Prá mim (a mudança para o Centro de Abastecimento) é péssimo. Ali é mesmo que pegar a gente e enterrar. Não há condições, porque nos dias de sábado e segunda-feira ainda podemos vender alguns quilinhos de carne, mas durante a semana não haverá movimento por causa dos açougueiros particulares.

Enedino Araujo Vitor, feirante, vendedor de calçados, em 10 de janeiro de 1977:

Em primeiro lugar uma mulher de barriga não pode descer ali (Centro de Abastecimento) e uma mulher gorda não pode subir que quebra as veias todinhas. A escada só tem meio palmo de largura. Vou trabalhar em outras feiras e chamar por Deus.

Jaime Luiz dos Santos, dono da "Barraca Pioneira São Luiz", em 10 de janeiro de 1977:

Na parte de higiene será uma beleza, mas na parte humana será de muito desgaste principalmente para as pessoas mais idosas. Com a continuação poderemos tirar proveito

de alguma coisa, mas no momento não. Eu tenho a impressão que nos dias de semana vai ser uma negação lá no centro, pois as pessoas vão preferir os supermercados. A salvação vai ser mesmo nos dias de segunda-feira e sábado. Lá no centro isso (vender refrigerantes) não vai ser possível a não ser que eu tivesse optado por uma lanchonete o que não aceitei por não ter conhecimento desse ramo.

João Durval Lisboa, feirante, vendedor de confecções, em 10 de janeiro de 1977:

A gente faz negocinho nessa época de festa e justamente nessa emergência é que vão mudar. Eu não me inscrevi. O que eu vou fazer lá, ficar uma semana, um mês, dois sem fazer negócio e pagando a Prefeitura (?). Acho melhor vender em outras feiras a Bahia é muito grande. Talvez depois de uns seis meses melhore.

Itaraci Pedra Branca, Secretário de Turismo da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, em 10 de janeiro de 1977:

A transferência é cem por cento válida e vem resolver um importante problema social haja visto que grande parte da população é considerada tecnicamente como desocupada porque não tem uma ocupação permanente vivendo em função da feira. Com o Centro o trabalho será diário com oportunidade de comércio todos os dias.

Nelson Vieira Guirra, proprietário da "Casa Anel de Ouro", na Avenida Senhor dos Passos, em 10 de janeiro de 1977:

Com a saída da feira e dessa sujeira vamos ficar com o campo mais livre haja visto que temos maior movimento nos dias de semana que nos dias de feira. Nota-se mesmo que as pessoas evitam de vir até o centro, principalmente para fazer compras, nesses dias.

A TARDE, Salvador, 12 de janeiro de 1977: CENTRO DE ABASTECIMENTO SUBSTITUI A GRANDE FEIRA, caderno 2, página 2.

Em sua barraca na praça João Pedreira, Joaquim Pedreira, que há mais de 30 anos vende carne-dosol, carne do sertão, toucinho e outros produtos, enquanto vendia suas mercadorias comentava com João Apolinário, o vendedor de farinha de copioba, sobre a mudança da Feira-Livre dizendo: 'Apolinário tu está vendo o castigo homem, Deus não vai concordar com o que estão fazendo com a gente, esta chuva é um sinal que Deus chora por nós Apolinário', ao que ele retrucou – 'Nada disso homem, a chuva foi uma coincidência, garanto a você que se a Feira-Livre já estivesse hoje lá no Centro de Abastecimento, a minha farinha não estaria toda molhada'.

Mais adiante estava Manoel Bartolomeu, vendedor de verduras, protegendo-se da chuva embaixo de um pedaço de plástico que atento às conversas de Apolinário e Joaquim, após tirar uma longa pitada do seu cachimbo gritou: 'As chuvas são as nossas lágrimas, a Feira-Livre jamais será tão movimentada como nos tempos atrás. Lá no Centro de Abastecimento 'tou' com medo de não vender minhas mercadorias, sei que vamos ter dificuldades, a mudança será a desgraça de muita gente compadres'. Indiferentes à conversa dos três homens, os turistas de máquinas em punho faziam as suas últimas fotos, entre uma compra e outra, davam risadas dos 'Tabaréus' todos molhados.

Os depoimentos relativos à feira livre, publicados pelos jornais têm extrema importância para o PROJETO MEMÓRIA DA FEIRA LIVRE DE FEIRA DE SANTANA. Coloco em destaque aqueles publicados no último dia de feira (10 de janeiro de 1977), por traduzirem o calor e a emoção daquele dia. Soberbas na espontaneidade e cristalinas na inteireza com que foram tecidas, essas OUTRAS PALAVRAS são palavras vivas de quem esteve testemunhando uma morte. Uma morte cultural.

Gostaria ao menos nesse texto (que inicia a segunda fase do Projeto) de evitar, ao máximo, *minhas palavras* – ainda que sob a forma da mais sucinta análise. Com isso, quero contribuir para que essas OUTRAS PALAVRAS dos depoentes mantenham sua luz própria, sem quaisquer sombras de quaisquer investimentos analíticos da minha parte. A fim de que essas OUTRAS PALAVRAS, nuas e cruas, sirvam à análise, ao deciframento e à livre avaliação pessoal do leitor deste trabalho.

FONTES HEMEROGRÁFICAS

ACABA hoje a última das grandes feiras do Norte-Nordeste do país. *Jornal da Bahia*, Salvador, 10 jan. 1977. p.6.

CENTRO de Abastecimento substitui a grande feira. *A Tarde*, Salvador. 12 jan. 1977. p.2. Cad. 2.

MÁRIO, Wilson. Antiga feira vai ser transferida para a Central. *A Tarde*. Salvador, . 31 dez. 1976. p.4. Cad. Capitais Regionais.

NORBERTO, Paulo. Último dia da feira-livre mais importante do interior do estado. *Diário de Notícias*. Salvador. 9 e 10 jan. 1977. p.9.

PITOMBO, Dival. Feira ontem, uma curtição saudosista. *A Tarde*. Salvador. 16 jan. 1976. p.2. Cad. Suplemento Especial.